



GRAFISMOS DE BANHEIROS ESCOLARES: INCURSÕES SOBRE MENSAGENS DE SEXUALIDADE E DESEJO

Ruan Felipe Carvalho Vilhena¹

Resumo: Pensar nos grafismos nos banheiros das escolas como objeto de estudo para muitos seria algo inusitado. Daí emerge a necessidade de questionar e (re)problematizar esse objeto de modo que se amplie novas produções de sentidos para o que antes havia sido estabelecido. Neste trabalho, busco fazer alguns apontamentos sobre os aspectos da sexualidade expressados nas mensagens dos banheiros escolares. Utilizo como base teórica Bataille (1987) e Gregori (2006) abordando sexualidade e erotismo, Entler (2007), Weller (2011) e Santos (2015) dando subsídios para formas de percepções de imagens. O resultado preliminar deste trabalho mostrou que essas expressões grafitadas no banheiro escolar é fruto de sexualidade, erotismo e desejos vivenciado por alunos nas escolas.

Palavras-chave: Grafismos, sexualidade, erotismo.

Introdução

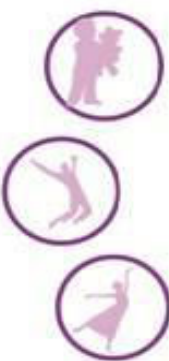
Este artigo objetiva fazer alguns apontamentos sobre os aspectos da sexualidade contidas nos grafismos² tras(ins)critos nos banheiros de algumas escolas da cidade de Abaetetuba-PA, pois algo inusitado acontece nos banheiros das escolas públicas, neste espaço que é reservado para o despir-se, necessidades fisiológicas e cuidado com o corpo físico. Dentro dele surge outro tipo de corpo que se mistura com elementos escatológicos e fala através das suas mensagens grafadas nas paredes. Essas mensagens transmitem uma gama de informações sobre a sexualidade que muitas vezes são interditas.

Desta forma, o presente trabalho faz algumas considerações acerca dos grafismos expressados nos banheiros escolares. Utilizo como base teórica Bataille (1987) e Gregori (2006) abordando sexualidade e erotismo, Entler (2007), Weller (2011) e Santos (2015) dando subsídios para formas de percepções de imagens. Diante dessa premissa o mesmo justifica-se

¹ Pedagogo, Mestrando em Educação Interdisciplinar pelo Programa de Pós-Graduação em Cidades, Territórios e Identidades (PPGCITI) pela Universidade Federal do Pará (UFPA) Campus Universitário do Baixo Tocantins (CUBT), Orientadora: Prof. Dr. Vilma Nonato de Brício, Líder do Grupo Experimentações: Grupo de Estudos e Pesquisas em Currículo, Subjetividade e Sexualidade na Educação Básica, e-mail: felipecarvalho.ped@gmail.com

² Mensagens grafadas nas paredes dos banheiros das escolas.





do ponto teórico com o intuito de dar mais visibilidade sobre a presente temática, tendo em vista que o conhecimento sobre o mesmo apresenta lacunas de forma que necessita de mais estudos.

(Re)significando o banheiro e os grafismos como *corpus* de análise

Território denso, íntimo, enevoado e ambíguo. Seu arcabouço pode ser capaz de proporcionar êxtase em nossos sentidos, advindos de essências florais e louças cujo branco reluz aos olhos quando estes são limpos. Porém, normalmente é capaz de causar repugnância, onde o branco cede lugar para excrementos fecais, essências florais para odor de urina, e as paredes através de um grito mudo trazem à tona o “diálogo oculto do desejo” (COUY, 1967, p. 27).

Pensar nos grafismos como objeto de estudo para muitos seria uma coisa absurda, pois, a visão que se tem sobre, torna-se reducionista ou simplista a ponto de entendê-lo como produção de vandalismo. Daí emerge a necessidade de questionar e (re)problematizar esse objeto de modo que se amplie novas produções de sentidos para o que antes havia sido estabelecido.


Trata-se de analisar as construções de significados subjetivos que se entrecruzam com as sexualidades representadas através de mensagens e desenhos trans(ins)critos nas paredes dos banheiros. Contudo, sobretudo não se trata de descobrir a verdade “absoluta”, sobre o mesmo, uma vez que Marisa Vorraber atenta que pesquisadores: “vêm correndo o risco de se encurralarem em outro campo minado que é o da afirmação da possibilidade de um saber emancipatório, desideologizado, mediador de todos os discursos, verdade verdadeira” (COSTA, 2002, p. 15). Desta forma, colocar uma pesquisa no plano de verdade absoluta é especifica toda relação de poder é construída em época específica.

Outro fator necessário que a ser compreendido é justamente o banheiro escolar como um território que nem sempre é apenas solitário, excluído e destinado a prática de higiene como se acredita que seja, ou como outrora fora concebido como lugar de purificação.

Parece que os primeiros banheiros surgiram com a finalidade de servirem como local onde os indivíduos pudessem se lavar. Daí serem frequentemente chamados “Casas de banho”. Desde a Antiguidade havia construções destinadas ao banho, que remontam a 1700-1200 a. C. Aí, o cuidado com a arquitetura e o sistema de distribuição de águas era indispensável (COUY, 2005, p. 37).

Na atualidade a sua função básica não é tão diferente desde a sua criação. No entanto, este mesmo ambiente proporciona práticas subversivas onde o corpo consegue ter a possibilidade de manifestar seu fulgor, despír os desejos da carne/mente nesse espaço. Nas palavras de Sade citado por Bataille (1987, p. 10) “infelizmente, não há nada mais seguro que





o secreto”. Desta maneira o banheiro torna-se um território que oportuniza com que pessoas expressem sem qualquer tipo de identificação seus desejos sexuais por meio de inscrições.

O secreto neste contexto situa-se no campo da fuga, da resistência, das vibrações, das inscrições nas paredes como um ato de transgressão, pois vivemos em uma sociedade que constantemente tenta moralizar as formas de sexualidade das pessoas. É necessário (re)pensar os banheiros das escolas não mais como um lugar solitário e de junção de (im)purezas, mas como espaço de exibição de corpos fragmentados que exprimem desejos eróticos e sexuais que precisam ser (re)significados.

Partindo desse pressuposto é que saliento a importância de analisar as formas e manifestação do corpo, subjetividade e desejo dentro do banheiro das instituições escolares.

A fotografia como artefato cultural

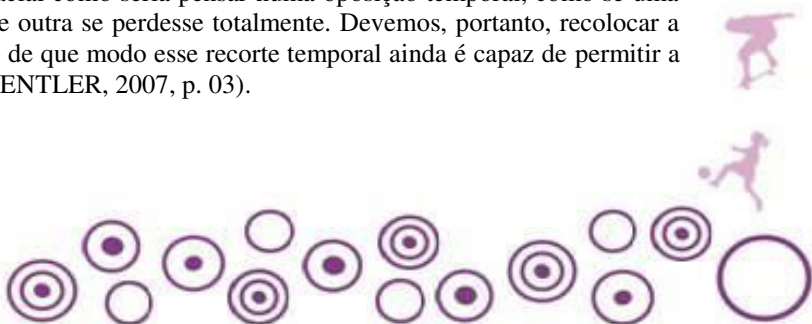
As fotografias são de suma importância para este trabalho, pois através delas é que capturei as imagens dos grafismos dos banheiros escolares para que se pudesse fazer reflexões consistentes sobre a temática do erotismo e da sexualidade que é expressada neste espaço de dissidência dos desejos compreendidos como marginais e transgressores das normas heterossexuais.


Primeiramente considero as imagens como artefatos culturais. Conforme Weller (2011, p. 03), a imagem “Como artefato cultural, ainda que não seja o real, apresenta, representa ou reapresenta o mundo, tornando presente aquilo ou alguém que está ausente”. Desta forma, ela é produzida para expor a realidade social de um determinado interlocutor.

Compreendo que uma vez as imagens entendidas como artefato cultural, elas podem viabilizar investigações significativas a respeito do objeto de estudo (re)significando uma linguagem imbuída de sexualidade e desejo.

É relevante entender que a fotografia revela ações atemporais nos convidando a (re)pensar o seu conteúdo. Sendo assim, ela pode reconstruir seus espaços e indivíduos. Há toda uma contextualidade intrinsecamente ligada aos elementos de seu registro, ou seja, na maioria das vezes em quanto o pesquisador busca entender seus elementos o tempo em que possivelmente ela foi registrada é desconsiderado. Pode-se dizer que

Se a fotografia não coincide simplesmente com a realidade em seu espaço, ela também não é simplesmente avessa a ela em seu tempo. E é tão ingênuo pensar numa identidade espacial como seria pensar numa oposição temporal, como se uma coisa se preservasse e outra se perdesse totalmente. Devemos, portanto, recolocar a questão, perguntando de que modo esse recorte temporal ainda é capaz de permitir a referência ao tempo (ENTLER, 2007, p. 03).





A imagem ajuda com que tenhamos a percepção daquilo que fora registrado em dado momento. Entretanto, nesse caso é necessário analisar e considerar que o momento em que estes sujeitos que grafitam as paredes dos banheiros com mensagens, cujo seu conteúdo está repleto de desejos sexuais.

O fotografar deve ser atento e disciplinado para que se tenha um panorama sucinto daquilo que se deseja observar através de um olhar transversal. Em outras palavras “Fotografar é uma prática marcada e atravessada por relações de forças e saberes em multiplicidades formadas por jogos políticos de verdade” (SANTOS, 2015 p. 148). No entanto, na contra mão deste sentido há uma resistência, de forma que “estamos vivendo em uma sociedade em que a subjetividade é marcada pela publicação da intimidade enquanto uma estética subjetiva” (SANTOS, 2015 p. 149). Deste modo, a imagem também pode ser refletida a partir do atual momento aos quais esses sujeitos estão inserido.

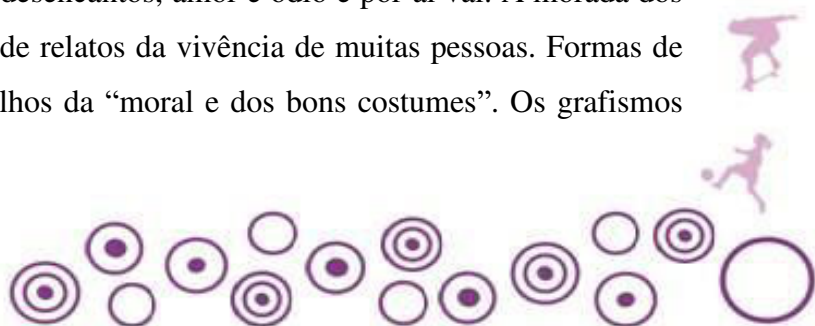
O desejo sexual trans(ins)crito no banheiro

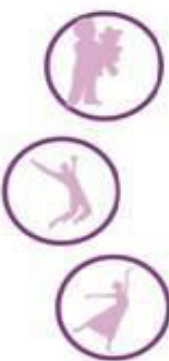
“Por que, afinal, escrevem-se grafitos? [...] Que ambiente é esse – genuíno e escatológico - que permite uma intimidade secreta das pessoas com o seu corpo e também com a sua escrita?” (COUY, 2005, p. 30). Esse questionamento me instigou a pensar o banheiro e os grafismos como um *corpus* de análise onde se pudesse problematizar esse espaço como lugar de transgressão e de desejo.

Essa prática é bastante presente nas instituições escolares, haja vista, que os jovens alunos/as em sua maioria estão passando pela fase da adolescência onde os mesmos constantemente vão constituindo seus desejos sexuais e sexualidades. E, portanto, ao ser observado o banheiro escolar mostrou-se mais ativo para essas manifestações, suas informações apresentam em seu âmago anseios, desejos, frustrações, angústias, pênis, vagina, atos sexuais, corações, números de contato, desenho de pessoas, palavras obscenas e etc... Eles são diversos e as formas que se apresentam nos banheiros das escolas, possuem modos próprios de representar os desejos de cada sujeito transgressor.

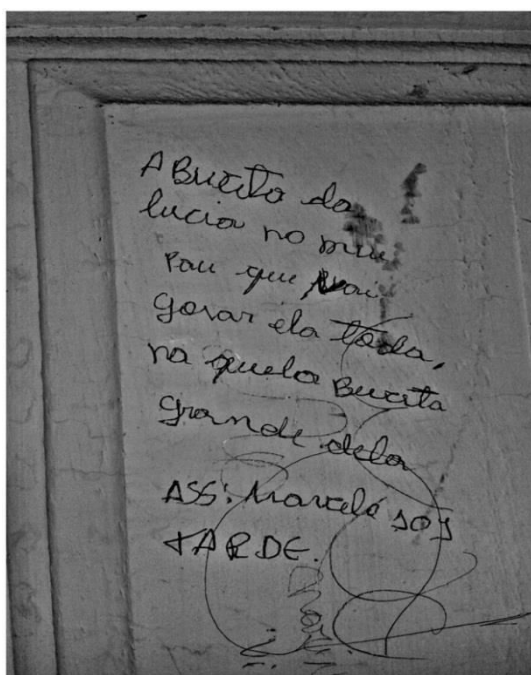
E a cada leitura por meio da produção de imaginação mergulhamos subjetivamente na mensagem que foi inscrita criando ou recriando a mensagem que o locutor quer nos repassar, ou seja, a mensagem também pode ser vivenciada de forma subjetiva por aqueles que as leem.

Palavras e palavrões, encantos e desencantos, amor e ódio e por aí vai. A morada dos grafismos abriga uma imensa variedade de relatos da vivência de muitas pessoas. Formas de expressão que não são bem vistas aos olhos da “moral e dos bons costumes”. Os grafismos





que se enunciam nas paredes, portas e louças sanitárias possuem grande necessidade de tornar público anonimamente sua intimidade.



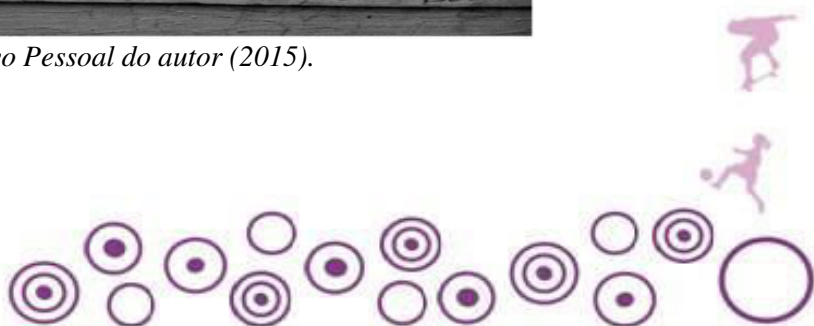
Fonte: Arquivo Pessoal do autor (2015).


Esta imagem foi registrada da porta da cabine do banheiro masculino de uma escola de Ensino Fundamental e Médio. Nesse grafismo a pessoa que a inscreveu demonstra o desejo sexual que está sendo subjetivado por ele, como fica expresso na sua mensagem: “A Buceta da Lucia no meu pau que vai gosar ela toda. na quela Buceta grande dela. ASS: Marcelo 101 TARDE”

A linguagem dos grafismos quer provocar sarcasmo nos conceitos morais das pessoas. Nele não há espaço para meias palavras ou sedução a troco de nada, o que se pretende é a qualquer custo tornar realidade o fluxo compulsivo de prazeres carnavais que causam convulsão no corpo sem o menor pudor. É a procura ativa do ápice da excitação.



Fonte: Arquivo Pessoal do autor (2015).





Neste grafismo que foi registrado também da porta da cabine do banheiro masculino da mesma escola percebe-se quatro pênis sendo que um foi riscado. O segundo pênis da esquerda para a direita mostra uma relação sexual anal. É bastante comum encontrar desejo explicitando relações sexuais, principalmente referenciando-se às praticas de relações anais.

O desejo sexual também é fantasiado pela orgia que ganha espaço dentro do contexto dos grafismos nos banheiros, pois muitas mensagens transmitem um sentimento pejorativo quando são relacionadas aos órgãos genitais e/ou atos sexuais.

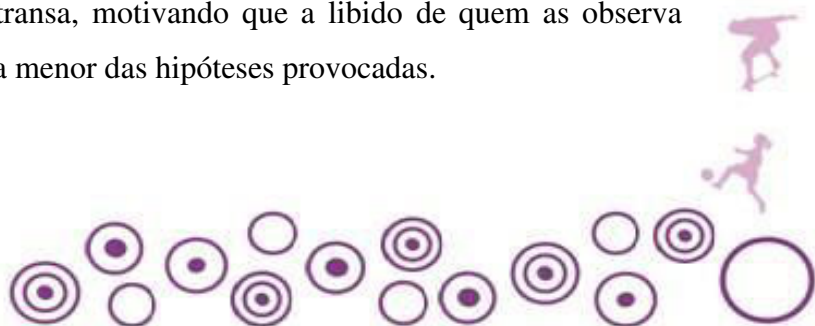
Além disso, ao lidar com a sexualidade nas suas expressões eróticas, estamos diante de experiências que mobilizam fantasias e fantasmas: situações, referências, imagens, fragmentos de memória e sensações que, mesmo sendo gestados em torno e no campo das normas, apontam para além delas. As fantasias não são o oposto da realidade (GREGORI, 2016, p. 195).

E é aí que em seu santuário o corpo propriamente dito surge, ou parte dele. Ele se coloca em cena. Ele se constitui através de desenhos. Ele vem justamente para expor aquilo que está oculto. Os grafismos através de fantasias demonstram-se “vulgar para os bons olhos” capazes de despertar sensações de luxúria.

No santuário da sacanagem os grafismos pornográficos são tidos como maravilhosas obras de arte devido estarem ligados à sexualidade e por representarem aquilo que está na mente do sujeito, diferente se fosse exposto no mundo exterior onde a pornografia está constantemente ligada simplesmente ao consumismo. O corpo através das suas relações de amor e desejo fica fragmentado e grafado através de desenhos rústicos em atos sexuais que ficam registrados como algo estranho, mas que ao mesmo tempo é desejado através da sua materialização na parede. E então temos a substituição do corpo grafado por símbolos para o corpo representado através de desenhos que representam sua materialidade. De forma que as palavras servem somente para nomear as partes genitais ou atos sexuais.

A forma escrita da palavra pornográfica reserva nela características obscenas sem extinguir a representação visual, de modo que o texto escrito nos dá outra visão do ato em que se deseja colocar em questão, diferente do desenho que produz de primeiro momento a visão desejada. A palavra nos instiga duplamente na reprodução do ato em nossas mentes, pois, se eu leio conseqüentemente eu imagino.

Essas representações expressam não somente o corpo e atos sexuais, mas há por trás o exibicionismo que se revela através dos desejos sexuais resultados da exposição na qual são exibidos pelos corpos no momento da transa, motivando que a libido de quem as observa através das descrições explícitas sejam na menor das hipóteses provocadas.





Considerações provisórias

No banheiro das escolas, em cada compartimento se tem um convite ou uma história para contar, em cada canto há um corpo fragmentado que busca encontrar suas partes perdidas em meio há tantas outras que também buscam unir se com as suas.

Os corpos que procuram loucamente realizar e satisfazer seus desejos mais obscenos e ocultos, sem medo, sem pudores, sem censura, sem medo de gozar daquilo que realmente gostam. Qualquer que seja a forma que eles se revelem, haverá sempre um fundo de verdade do que estar sendo confidencializado. Essa confidência mostra-se como desejo, como a busca do seu sentido íntimo, é o eu suprimido em palavras transcritas nas paredes dos banheiros.

Referências

BATAILLE, Georges. **O erotismo**. Tradução de Antônio Carlos Viana. Porto Alegre, L&M, 1987.

COSTA, Marisa Vorraber. Novos olhares na pesquisa em educação. In: Marisa Vorraber Costa (Org.). **Caminhos investigativos: novos olhares na pesquisa em educação**. 2. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

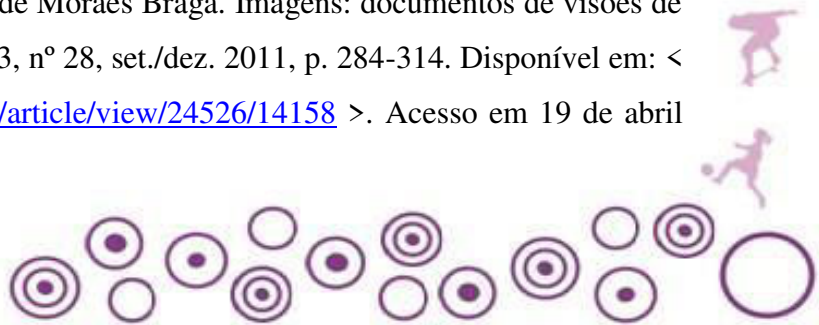
COUY, Venus, 1967 – **Mural dos nomes impróprios: ensaio sobre grafite de banheiro**. Rio de Janeiro: 7letras, 2005.

ENTLER, Ronaldo. A fotografia e as representações do tempo. **Revista Galáxia**, São Paulo, n, 14, p. 29-46, dezembro de 2007. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/viewFile/1485/956> Acesso em 19 de abril de 2018.

GREGORI, Maria Filomena. **Prazeres perigosos: erotismo, gênero e limites da sexualidade**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, Arthur. A fotografia e o fotografar: algumas notas, a partir de Michel Foucault e Gilles Deleuze. In: LEMOS, Flávia Cristina Silveira; GALINDO, Dolores. BRÍCIO, Vilma Nonato de; CRUZ, Franco Farias da; GOMES, Geise do Socorro Lima; REIS JÚNIOR, Leandro Passarinho (Orgs.). **Estudos com Michel Foucault: transversalizando em psicologia, história e educação**. Curitiba, PR: CRV, 2015.

WELLER, Wivian; BASSALO, Lucélia de Moraes Braga. Imagens: documentos de visões de mundo. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, nº 28, set./dez. 2011, p. 284-314. Disponível em: < <http://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/24526/14158> >. Acesso em 19 de abril de 2018.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpo genero sexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas Aguiar
Diagramação: Thomas Aguiar

